

A dimensão política do refúgio.

Uma análise dos ativistas políticos da Casa do Povo (1940-1960) ¹.

Joana Bahia

Doutora em Antropologia Social/Museu Nacional/PPGAS

Pesquisadora Associada ao NIEM/IPPUR/UFRJ e ao CEMI/UNICAMP

Resumo

Este trabalho investiga a importância da construção identitária entre os ativistas de esquerda da comunidade judaica pertencentes ao Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB)², chamado Casa do Povo, localizado no bairro de Bom Retiro, cidade de São Paulo e sua relação com o restante da comunidade judaica entre os anos 40 e 60³.

A Casa do Povo foi fundada por imigrantes judeus desde os anos 20 _originária do Club Tsukunft (futuro)_sendo fundamental para a criação de redes de solidariedade e sociabilidades judaicas e tiveram um forte papel político na sociedade nacional como ativistas das causas sociais. Refugiados e exilados vieram por conta de motivos econômicos, principalmente pela opressão das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, por conta da ascensão do antisemitismo e também pela militância nos partidos comunistas e no Bund (Confederação Geral dos Operários Judios da Lituânia, Polônia e Rússia)⁴.

PALAVRAS CHAVES

Refugiados, comunidade judaica, identidade étnica

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Neste artigo trataremos a Associação Scholem Aleichem pela sigla ASA, a Biblioteca Scholem Aleichem por BIBSA, a Casa do Povo ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro por ICIB, o Colégio Scholem Aleichem por CSA, a Associação Feminina Israelita Brasileira por AFIB e a colônia de férias Kinderland por Kinderland.

³ Não obstante abordarmos a Casa do Povo, também utilizaremos o material de entrevista e fontes referentes a Associação Scholem Aleichem, bem como da Adaf. A Associação David Frischman de Cultura e Recreação (ADAF) foi fundada em 28 de outubro de 1922 com o nome de Biblioteca Popular Israelita David Frischman. A biblioteca, criada a partir da doação de livros feitas por membros da comunidade, funcionava na casa de um dos seus fundadores: José Goldgaber. Sua sede própria só foi adquirida em 1950. A ADAF, como outras entidades fundadas por judeus progressistas, tinha, além de um grande biblioteca com obras em Idish, um coral e um grupo de teatro. A ADAF frequentemente realizava atividades em conjunto com a ASA, formando assim uma rede de entidades judaicas progressistas na região do Rio de Janeiro.

⁴ Segundo Finzi (1987:291), em 1897 temos a fundação do Bund (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia), fato que expressa a notável presença judaica no nascimento do movimento socialista e da organização da classe operária russa.

O Brasil recebeu um grande número de imigrantes de origem judaica entre as décadas de 20 e 40. Entre 1926 e 1942, mais de 50.000 judeus entraram no Brasil, sendo a maioria da Europa Oriental, essa soma corresponde a mais de 50% da entrada total de judeus imigrantes no Brasil desde 1872 (Decol, 2001).

Muitos vieram por motivação econômica, mas principalmente em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do anti-semitismo e também em decorrência de suas militâncias nos partidos comunistas e no Bund. Aqui chegando, eles rapidamente eram acolhidos por entidades de socorro mútuo e clubes de convivência, que já existiam ou estavam sendo fundados naquele período, entre essas associações podemos destacar: a Biblioteca Israelita Scholem Aleichem⁵ (BIBSA), hoje conhecida por Associação Scholem Aleichem (ASA); as Escolas Scholem Aleichem; o Jugend Club (Clube da Juventude), em São Paulo; a Biblioteca David Frishman, em Niterói; a Escola Israelita brasileira Eliezer Steinberg; o Colégio Hebreu Brasileiro; a Cozinha Popular da Praça Onze; o Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR); Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (Froin Farain), a Casa do Povo e o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky.

Em São Paulo, nos anos 20, imigrantes oriundos do Bund fundaram o clube Tsukunft (futuro) no bairro de Bom Retiro. Este desenvolvia atividades culturais e políticas. Nos anos 30, passa a se chamar Jugend Club (clube da juventude) e funda uma biblioteca, um grupo de teatro chamado Dramkrais (grupo dramático) e o coro Schaeffer. Nos anos 40, a entidade passa a se chamar Centro Cultura e Progresso. Em 1953, é inaugurado o prédio Palácio da Cultura, também chamado de “*Casa do Povo*”, isto é o ICIB, fruto de uma homenagem aos seis milhões de judeus vítimas do Holocausto. A partir deste período o CSA, a AFIB, o clubinho I Peretz, colônia de férias Kinderland passam a funcionar nas instalações do ICIB. Em 1960, é inaugurado o TAIB (teatro de arte israelita brasileiro).

Esta instituição (juntamente com as demais citadas anteriormente) possuía periódico⁶, fundou sua própria escola, clube e promovia atividades (leienkrais/círculo de leitura e dramkrais/círculo dramático/grupos teatrais) que visavam não apenas a integração às sociedades locais, mas ao aprimoramento cultural do ponto de vista do campo socialista⁷.

⁵ Pseudônimo do escritor judeu ucraniano Scholem Yakov Rabinovitch (1859-1916). Ele abandonou a escrita em russo e hebraico e dedicou-se quase inteiramente ao ídishe, tornando-se uma figura central da literatura nesta língua em 1890. A maioria dos escritores judeus da época escrevia apenas em hebraico, língua da sociedade judaica culta. A obra de Scholem podia ser lida por três milhões de judeus russos que falavam somente ídishe. Após 1891, Scholem Aleichem viveu em Odessa, mas devido aos Pogroms ocorridos no início de 1900, especialmente o de 1905, fizeram-no emigrar para a Suíça e, em 1914, para os Estados Unidos, assentando-se finalmente em Nova Iorque.

⁶ Boletim em ídishe Der Unhoib (o começo) publicado no estado do Rio de Janeiro, os jornais Unser Shtime (nossa voz) e O reflexo em São Paulo (escrito todo em português, mas com matérias sobre o ídishe e alguns pequenos textos em ídishe), o jornal Unser Faint (nosso companheiro) no Uruguai e Di Presse (a imprensa) na Argentina.

⁷ Bem como a necessidade de difundir e discutir idéias, mas também a criação, por força de uma resolução do PCB, de um Setor Judeu no Partido Comunista Brasileiro, que se manteve ligado ao Setor de

Ativistas da esquerda européia e nacional, fundamental na consolidação de redes de solidariedade e sociabilidade judaica, com forte papel político na sociedade nacional e que em sua maioria eram simpatizantes as causas sociais. Eles lutavam pela preservação de sua língua original (ídish⁸) e sua cultura progressista, entretanto buscavam sua integração com o povo brasileiro na luta pela emancipação econômica, política e social.

Neste sentido, buscaram abrigo em organizações da esquerda nacional, principalmente o PCB. Ainda nos primórdios da história do PCB ingressaram no partido, alcançando rapidamente posto na direção do mesmo, indivíduos de origem judaica como Leôncio Basbaum, Mário Schenberg, Mauricio Grabois, José Gutman e um pouco mais tarde Jacob Gorender, Salomão Malina e Moises Vinhas (Bahia e Lourenço:2007)

Além de inúmeros militantes que apesar de não terem alcançado postos de direção no partido são parte da história da esquerda brasileira. Como já mencionamos, especialmente durante o episódio que ficou conhecido como a intentona comunista, a presença de judeus foi bastante expressiva. Estiveram envolvidos na preparação da rebelião, Olga Benário, Nute e Liuba Goifam, Guralski e Arthur Ernst Ewert, militantes que foram destacados pelo movimento comunista internacional para apoiar a ação liderada por Luis Carlos Prestes. A prisão de alguns desses militantes ajudou a fomentar o mito do complô judaico bolchevique (Bahia e Lourenço:op.cit).

Finanças do Partido até meados da década de 1940. Cabia a este setor garantir a segurança de seus militantes, visto haver sempre a possibilidade de extradição, caso algum judeu comunista fosse preso pela polícia política de Vargas. Tinha como atribuição arrecadar fundos para as campanhas do Partido. Um outro motivo para a criação do Setor Judeu foi, segundo depoimento de Luís Mendel Goldberg (Aquino:2002), a tentativa de “evitar denunciantes”. Mas, apesar desta tentativa, a existência de delatores entre as fileiras dos militantes da BIBSA era reconhecida por todos (Schneider:2000): “*A partir de 1937 passamos a viver o tormento da ditadura de Vargas. A BIBSA era extremamente visada pelo DOPS, a polícia de Felinto Muller, que, entre outras restrições às liberdades individuais, impedia-nos de falar ídish. Para isso, enviava às nossas reuniões um indivíduo, Nicolau Zimmerman, de origem romena, delator responsável pela prisão e assassinato de inúmeros companheiros nossos, operários, alfaiates, sapateiros, carpinteiros, ferreiros, vendedores, todos jovens, sedentos de uma sociedade mais justa*”. Segundo Kuperman (2003:11), a partir da ilegalidade do PCB estes órgãos, criados após a guerra, passaram a ser essenciais para manter a atividade da militância, pois eram as plataformas legais de ação de um partido colocado na clandestinidade.

⁸ O termo ídish origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Para Guinsburg (1996), além do hebraico, o ídiche, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “*uma língua errante*” ou uma “*língua passaporte*”. O ídiche, “*dialetto judeu-alemão*”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “*pale*” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados – aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “*universo cultural construído na esfera de Aschkenaz*”.

Os articulistas da Casa do Povo possuíam uma vasta rede de contatos internacionais, especialmente com as instituições que ainda compõem o chamado ICUF (Idisch Kultur Varband). Em junho de 1935, em Paris, foi realizado o congresso dos escritores antifascistas conclamando os intelectuais de todo mundo contra a luta antifascista. A parcela judaica presente ao evento, organizadora do evento de Paris, deu início a formação do ICUF ou associação cultural judaica. Esta seria responsável pela luta contra o antisemitismo, de acordo com as especificidades culturais de cada comunidade, buscando ampliar a cultura judaica laica progressista visando a uma idéia de "*justiça social e liberdade*". O ICUF possui até os dias de hoje atuação no Brasil (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo), Uruguai e Argentina, sendo representado por instituições judaicas com um mesmo perfil de esquerda que a ASA. Em São Paulo, temos o ICIB, fundado em meados da década de 40.

Trabalhamos com a produção bibliográfica dessas lideranças, bem como entrevistas publicadas, finalmente, sempre que possível buscamos realizar entrevistas diretas com esses indivíduos. Com relação ao material impresso nossas principais fontes foram os boletins da ASA escritos até os dias de hoje e que são parte de um legado de uma imprensa que abrange jomais como *Unzer Sthime* (nossa voz) e *O reflexo*, ambos produzidos pelos articulistas do ICIB e da ASA, respectivamente entre 1940 e 1964 e entre 1947 e 1956. Também constituem parte deste legado a troca de informações entre esta imprensa e aquela produzida no ICUF Argentina e Uruguai. Também trabalhamos com os periódicos pertencentes ao acervo da *Bibliothèque Medem* e também contactamos os articulistas da *La Presse Nouvelle* ambas situadas em Paris. A última instituição constitui também parte do ICUF.

Daremos particular ênfase à análise dos modos de construção da identidade judaica, reconstituindo a trajetória dos ativistas de esquerda entrevistados e seu cotidiano na referida associação, sobretudo no que esta oferecem de material para a reflexão sobre as diferenciações internas à comunidade de origem e os modos de construção de sua identidade étnica nas ideias que possuem sobre a dimensão política do refúgio e os modos como lidavam com a questão no seu cotidiano.

A IMPORTÂNCIA DAS ASSOCIAÇÕES DE ACOLHIMENTO

Não obstante a importância das atuais organizações de acolhimento, do papel histórico da Caritas e do peso desta questão na elaboração da política da Onu para definição e auxílio dos refugiados, esta questão não deve se ater ao período de formação desta política nos anos 60.

Cabe ressaltarmos que o refúgio é um tema complexo e que o mesmo constitui parte do cotidiano de muitos imigrantes, mas especialmente de seus descendentes e de suas redes familiares. Não obstante tratarmos da comunidade judaica que chegou por motivos políticos a partir das primeiras décadas do século XX, cabe lembrarmos a presença expressiva de ativistas políticos dos regimes salazarista e franquista no país.

O peso das guerras, das políticas de antisemitismo e o impacto histórico das transformações sócio-políticas na Europa na virada do século XIX para o XX tiveram como reflexo o desdobramento das comunidades étnicas em atender sua rede familiar que chegava no Brasil sem ter aonde recorrer. Neste sentido, lembramos que a história política do movimento operário brasileiro e seus desdobramentos (formação do partido comunista e demais) se relaciona aos diferentes fluxos migratórios que vieram para o país e também ao modo como os imigrantes se organizaram em associações de auxílio mútuo que tiveram papel importante na acolhida e recebimento de refugiados, especialmente após a segunda guerra mundial.

Cada grupo étnico que migrou neste período consolidou várias redes e associações de ajuda àqueles que chegaram vitimados tanto pelos impactos socioeconômicos quanto pelas perseguições políticas decorrentes de suas participações no movimento operário de seus países de origem.

Lembramos que tanto instituições de direita quanto da esquerda judaica foram fundamentais para instituir redes de solidariedade e sociabilidade judaica e recebiam em sua maioria refugiados advindos de vários países da Europa.

Segundo Cytrynowiz (2005), *“A fundação das entidades assistenciais no Brasil a partir da Primeira Guerra Mundial evidencia uma imigração contínua e, ao mesmo tempo, engendra os primórdios de formação de uma vida judaica institucionalizada em São Paulo. A ação das entidades assistenciais comunitárias (locais e internacionais, além de entidades como uma cooperativa de crédito), junto às habilidades e conhecimentos profissionais dos imigrantes e às oportunidades objetivas de trabalho na cidade, resultaram em uma combinação que definiu a inserção social e econômica. O modelo de comunidade estabelecido em São Paulo é semelhante ao do Rio de Janeiro e ao de outras capitais”*.

Em 1915, foi fundada a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas em São Paulo, a primeira instituição assistencial da capital paulista. Esta auxiliava mulheres grávidas e providenciava cuidados ao recém-nascido. Em 1916, é criada a Sociedade Beneficente Auxílio aos Pobres Ezra, que providenciava cartas de chamada, recebia os imigrantes no porto de Santos, mantinha pensões, ministrava aulas de português e ensino profissionalizante e encaminhava os imigrantes ao mercado de trabalho.

Em 1924, a Ezra fundiu-se com a Sociedade Pró- Imigrante para tornar-se Sociedade Beneficente Israelita Ezra. Em 1929, foi fundada a Sociedade Beneficente Linath Hatzedek (auxílio santo, em idish), depois chamada Policlínica, um ambulatório para consultas e procedimentos como curativos e pequenas cirurgias. Estas entidades seguiam modelos comunitários da Europa Oriental e também padrões locais, como é o caso das Damas Israelitas.

Nos anos 1930, três entidades foram criadas especificamente para crianças: Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista (CIP), em 1937, Lar da Criança das Damas Israelitas, em 1939, e a Gota de Leite da B'nei B'rith. O Lar da CIP estava ligado à imigração de refugiados da Alemanha nazista, a partir de 1933, ano em que foi fundada a Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas da Alemanha (Caria).

Em 1937 foi inaugurado no Rio de Janeiro um Lar das Crianças, a Sociedade de Proteção à Infância Israelita Desamparada.

Em 1940, a partir da fusão entre a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, Lar da Criança das Damas e Gota de Leite, foi estabelecida a Organização Feminina de Assistência Social (Ofidas). Definindo por estatuto que só mulheres podiam ser diretoras, a Ofidas tinha uma concepção de auxílio social distinta da Ezra, dirigida por homens. Enquanto a Ezra entendia que a ajuda deveria ser dada diretamente ao homem, pai-chefe da família, por meio de emprego ou pequeno empréstimo para iniciar um negócio (como comprar mercadorias para mascatear), a Ofidas olhava para a problemática da mulher, da família e da criança, estendendo sua assistência para questões de gênero que não envolviam apenas auxílio monetário e consolidando uma tradição de trabalho dirigido por mulheres no interior do grupo. Em outra frente de trabalho assistencial, em 1942 foi estabelecido em São Paulo um Asylo dos Velhos.

A criação de várias instituições judaicas não apenas mostram a preocupação em dar auxílio aos refugiados, mas expressa o modo como estas vão redefinir a produção concepção de comunidade. As entidades assistenciais ligadas aos imigrantes e seus descendentes estiveram sempre na linha de frente das discussões e tensões em torno do modelo de comunidade (Cytrynowicz:op.cit). Enquanto entidades como a Sociedade das Damas Israelitas e a Ezra atuavam como instituições de caridade, o Lar das Crianças das Damas (depois Ofidas) e o Lar da Criança da CIP procuravam promover educacional e economicamente as crianças e os jovens, de forma a incluí-los na comunidade.

Assim, o objetivo de ajudar o outro ultrapassa o marco de caridade para torná-lo um igual, um membro da comunidade. São dois modelos de assistência (e de comunidade) contrastantes, em que pesem os matizes intermediários apresentados pela multiplicidade de instituições⁹

Segundo Cytrynowicz (op.cit: 172), o estudo destas instituições pode combinar pelo menos duas diferentes perspectivas de interpretação do ponto de vista da história da imigração e da assistência social: a que valoriza o altruísmo e a filantropia, como valores de um grupo imigrante que se organiza de forma autônoma em comunidade, e a que segue uma trilha mais crítica dos processos de disciplina e de controle, no sentido de

⁹ A implantação do serviço social, com suas críticas ao modelo de caridade, à sobreposição de funções entre as várias entidades e à falta de sistematização técnica, levaram à criação, na comunidade judaica, do Serviço Social Unificado, em 1966, uma tentativa de estabelecer uma rede assistencial que integrasse as entidades assistenciais e inúmeros serviços assistenciais promovidos por outras entidades, como as sinagogas. Talvez a consequência mais importante deste movimento tenha sido a criação, em 1976, da União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social (Unibes), fusão de Ezra, Ofidas e Policlínica — no momento a mais importante entidade assistencial ligada ao grupo em São Paulo, com vários programas de assistência pública e convênios com a prefeitura. Atualmente, as instituições assistenciais judaico-brasileiras mantêm uma extensa gama de trabalhos assistenciais e parte das entidades prestam serviços à população paulistana em geral por meio de diversos convênios e programas com os poderes públicos e parcerias privadas. O agravamento da crise econômica a partir dos anos 1990 intensificou a demanda interna à comunidade e fez aumentar os serviços, mas produziu também uma série de projetos publicamente reconhecidos e voltados para a população como um todo, definindo um modelo de assistência peculiar dentro e fora do grupo.

inserir e de enquadrar os imigrantes e não deixar que sua presença coloque em risco o status dos chegados há mais tempo e já integrados à sociedade.

O modelo de comunidade judaica pode também ser repensado não apenas na mudança de perfil no histórico destas instituições, mas também espelham outras diferenças internas à comunidade judaica. Neste sentido, é representativo o papel de recepção a refugiados pelas associações judaicas progressistas, mais afinadas com as causas políticas e não apenas preocupadas com as crianças deslocadas do pós guerra, mas com os deslocados para o recém criado estado de Israel e as implicações políticas do refúgio na formulação dos próprios parâmetros de definição identitária. De que modo os fatos históricos possuem para este segmento uma dimensão identitária diferenciada no interior da comunidade judaica ?

REFUGIADO E DESLOCADO: UMA PALAVRA PRESENTE NOS PERIÓDICOS DA ESQUERDA JUDAICA E NO DIA A DIA.

A própria história dos ativistas da Casa do Povo se confunde com a história institucional, ou seja, é uma homenagem as vítimas do Holocausto, em sua grande maioria constituída por judeus do Leste Europeu, muitos partícipes do Levante do Gueto e também se trata de um marco do fim da segunda guerra.

Muitas matérias analisadas tratam do levante do Gueto de Varsóvia, parte integrante da programação da Casa do Povo, bem como de todo o ICUF, sempre presente nos meses de abril. Este relembram não apenas o fato histórico, mas o associam ao Pessach, pois a noite de 19 de abril de 1943 no gueto era uma noite de páscoa. Ambos ganham um sentido de libertação e são vivamente comemorados na programação de todo o ICUF.

Lembro que Glazer e Moynihan (1975) ressaltam o uso de aspectos étnicos como fundamentais para obtenção ou defesa de objetivos políticos comuns. Ambos os autores mostram que etnicidade não é apenas um instrumento para se lutar pelos interesses, mas sua efetividade está no fato de que além de ser um instrumento eficaz para isso, ela também combina/mobiliza laços afetivos.

Neste sentido, tratar da importância de instituições que ressaltavam uma escrita e cultura ídish enfatiza o forte caráter político que esta possuía em seu contexto original e o modo em que este é apropriado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro. Cultura e política são palavras pensadas e vividas como indissociáveis por estes ativistas, tanto em suas entrevistas quanto nos seus escritos sobre a história que refazem de seu próprio grupo.

Não obstante a importância do idish para a cultura e vivência política judaica da Europa Oriental Sendacz (2005:21) nos lembra que idish era uma língua desprezada pelo movimento sionista, acusando-o de ser a língua do exílio (galut) que simbolizava a imagem de um judeu “medroso e fraco”, ou seja, o idish expressava a mentalidade da diáspora.

Não apenas as memórias do cotidiano das intuições, mas de fatos como o fim da segunda guerra, o impacto do antisemitismo e sobre as guerras em Israel estão presentes não somente como fatos históricos, mas como verdadeiros demarcadores étnicos.

A memória da guerra estava presente através da vivência da dor pelos parentes mais próximos e pelo cotidiano do antisemitismo que tanto marcou a vida daqueles que imigraram nas primeiras décadas do século XX da Europa Oriental quanto daqueles que permaneceram na Europa no período da segunda guerra :

"No dia 8 de maio de 1945, saí cedo de casa para a aula de piano. Desde quando me lembro, a guerra fazia parte da minha vida. Eu não estava na guerra, mas a guerra estava em mim. Ela aparecia no choro constante da minha mãe, ou na fisionomia grave do meu pai, olhando fixo para o rádio, como se enxergasse as notícias através dele.... Nossa casa era mais ou menos o quartel general dos judeus progressistas de Madureira(op.cit)".

As recordações do Holocausto e da guerra se apresentaram para vários judeus como um marco de sua identidade étnica. A experiência da morte e do extermínio presentes no relato de Jacob Gorender¹⁰, também foram definitivas para o militante comunista Salomão Malina. Sua experiência de se sentir judeu não apenas se evidencia de modo claro na vivência do ambiente antisemita da segunda guerra, mas também quando compara este sentimento à situação atual dos palestinos no estado de Israel.

Neste sentido, a etnicidade é mobilizada como recurso e também como instrumento político (Jenkins,1997). Recurso para se pensar sua condição étnica, repensando esta em relação aos contextos históricos distintos (segunda guerra mundial e a situação árabe-israelense), porém sempre de modo contrastivo, relacional (judeus x alemães, judeus x palestinos), sendo definida num sentido político.

O mesmo sentimento identitário ganha consciência por partes de muitos que o percebem nos momentos de crise, especialmente nos momentos da guerra árabe israelense¹¹, em que se vêem não somente diante do outro (não judeu), mas diante de outros segmentos da comunidade judaica, em sua grande parte sionistas de direita, pró Israel e favoráveis às políticas existentes no estado. São nestes momentos que se acirram as diferenças internas e os posicionamentos étnicos mais afloram.

Conforme vimos, não apenas se percebem como refugiados no contexto da vinda de suas famílias para o Brasil e em distintos contextos este fato marca a construção de suas identidades no interior da comunidade judaica, mas também são partícipes da situação de recepção aos refugiados do pós guerra. Num depoimento da chegada de sua família no país, percebemos o modo como aqueles que já participavam de organizações progressistas recebiam os refugiados:

"Meu pai era um homem de esquerda mas não militante, mas ele era um homem de esquerda, quando chegou aqui em Niterói logo se ligou ao grupo de judeus progressistas, fez teatro fez tudo aquilo, já

¹⁰ Além de rever as matérias dos boletins da ASA, venho por meio desta agradecer as entrevistas concedidas que tornaram possível a feitura deste artigo.

¹¹ São inúmeras as matérias que tratam da guerra árabe-israelense, estas acompanham todos os anos do boletim.

fiquei ligada a esse pessoal, já por intermédio de meu pai, meu pai por exemplo quando ele chegou aqui com a cara e a coragem a mulher e dois filhos não tinha uma pessoa que lhe conhecesse e que lhe pudesse dar referência, aí precisou alugar uma casa, aí ele procurou a comunidade judaica progressista e disse eu preciso alugar uma casa. Quanto que é o aluguel da casa? É vinte mil réis, aí vinte que estavam ali presentes cada um assinou como fiador do meu pai, cada um ficou responsável por hum mil réis, risos, dos vinte mil réis e nós tínhamos vinte fiadores na casa, quer dizer as pessoas investiram em papai, no meu pai. E que, foi uma pessoa que eles gostaram muito, mas ele não ficou em Niterói muito tempo, meu pai ele era de profissão cabeleireiro mas ele cozinhava muito bem, então durante a guerra ele era chefe de cozinha desses campos de, de, como é que chama, os hospitais de tuberculose, de campos de refugiados..”

Durante a Segunda Guerra Mundial e no imediato pós-guerra, várias campanhas uniram as entidades locais para auxiliar sobreviventes e refugiados. A comunidade judaica no Rio de Janeiro e em São Paulo foi ativa em campanhas como o Comitê Central Israelita de Socorro às Vítimas da Guerra, autorizado pela Cruz Vermelha Brasileira, o Escudo Vermelho de David e o Comitê para Angariação de Roupas em Prol dos Israelitas Vítimas de Guerra, fundado em São Paulo em 1944. Além disso, várias campanhas centralizaram os esforços de angariação de recursos.

Em 1947, havia na Europa cerca de 250 mil sobreviventes do genocídio. Um dos temas mais recorrentes nos jomais são as crianças deslocadas ou refugiadas, termos também recorrentes na descrição dos milhares órfãos, vivendo em campos de refugiados, os displaced persons camps, e as organizações de auxílio aos refugiados procuravam países e entidades para recebê-los. No jomais em ídish vemos os anúncios referentes ao Joint e aos demais grupos que já trabalhavam com a assistência social (Ofidas) em São Paulo.

Num depoimento de uma “criança de guerra” temos o relato de como sobreviveu a perda da maior parte de seus familiares e o cotidiano de seus pais refugiados na Suíça:

“criança de guerra lembra tudo, e, aí eu quero dizer o seguinte desde muito cedo, quer dizer, eu acho que na Suíça teve esse, esse, essa questão eu fui criada pelos meus pais adotivos porque os imigrantes, os refugiados na Suíça eles faziam trabalhos forçados e normalmente se davam para esses refugiados trabalhos que o suíço não queria fazer. E eles estavam precisando de muita mão de obra, principalmente que a Suíça sempre foi o celeiro dos Hospitais pra tratamento de pulmão e tudo porque dos Alpes que eram altos e os hospitais quer dizer de tuberculose eles não tinham mão de obra e uma das formas que meu pai e minha mãe encontraram para poder ficar juntos seriam nesses sanatórios, mas eles não podiam levar os filhos, então a cruz vermelha oferecia famílias que estavam dispostas a ficar com as crianças e minha mãe achava que invés da gente tá sofrendo privações e tudo num campo de refugiados, que a gente tinha muito mais vantagem se a gente fosse meio tipo uma família..”

Seus pais foram trabalhar na Suíça e a depoente e sua irmã foram distribuídas para outras famílias até que seus pais tivessem condições de trabalharem. Segundo o relato de Fischberg, o processo de adoção temporária foi marcante para a construção de sua identidade judaica, especialmente pela convivência numa casa com três religiões:

“Primeiro ele era católico e casado com uma protestante, e ele achava por bem que eu devia seguir a mulher dele nos cultos evangélicos que ela ia, Igreja Protestante, porque eles seguiam o Velho Testamento e que os Judeus eram o Velho Testamento, entende. Então quando chegava depois destes cultos, chegava no domingo a tarde eu sentava no colo dele e ele começava a me mostrar as diferenças de tudo aquilo que o senhor me disse durante aquele culto. Dizia eram judeus por causa disso festejam fazem isso, aquilo, e ele me ensinou o judaísmo em uma casa onde éramos de três religiões diferentes. E outra importante foi o seguinte, ele me fazia participar das coisas embora eu fosse criança. E tinha o seguinte, durante a Segunda Guerra você não tinha acesso à televisão não existia e o cinema era uma coisa muito difícil, mas tinha nas cidades eles tinha um tipo de um jornal, jornal é, é, com o existia antigamente no cinema que seria aquele jornal né, só que eles iam de cidade em cidade, levando isso aqui, que era um tipo de uma caminhonete que levava o projetor e levava as notícias do mundo pra cidade vizinhas, e chegavam lá eles procuravam um prédio que tivesse a parede branca e eles projetavam aquilo a noite, então na cidade que eu estava, que era a cidade de Vernon(sic) eles todas as quintas-feira a noite era o dia do jornal e todo mundo ia cada um levava a sua cadeirinha, ia lá pra praça pra poder ver como é que é. Então eu via o que tava acontecendo na Segunda Guerra, e quando já foi terminando a Segunda Guerra, que já foi mostrando aí mostrava os países destruídos.. No dia que a Guerra terminou, ainda tem mais, quando a Guerra terminou começou a se passar os, ..r já o avanço das forças aliadas, já os campos de concentração que foram encontrando as pessoas que foram mostrando e eu não queria assistir aquilo, aquilo era um horror, e ele dizia assim pra mim dizia você tem que assistir, não é pra você ter raiva nem odiar, mas é pra você não esquecer. Eu me lembro disso, então essas lembranças que eu tenho foi uma coisa que ficou muito marcada na minha vida, mas que foi muito marcada também a educação que eu tive dele e minha tendência acabou sendo sempre de esquerda pela formação que eu tive dada por esse meu papi, que eu depois de vir aqui pro Brasil, a gente perdeu o contato, fui reencontra-lo trinta e oito anos depois, voltei com ele já no leito de morte mas ainda conversei muito com ele, tirei foto ao lado dele ao lado dela, que foi uma coisa um resgate maravilhoso que eu tive a oportunidade de ter”.

Em geral, o termo deslocado era o mais usual na linguagem jornalística e não só se referia aos refugiados dos pós guerra, mas tanto as crianças que perderam suas referências familiares no Holocausto, bem como a receptividade destes deslocados em Israel, ou que ainda seria a futura Israel. Não obstante reconhecerem o sionismo, bem como a constituição do estado de Israel, estes se preocupavam de que modo estas crianças seriam recebidas em Israel e que mesmo o estado constituído este não é a solução para todos os problemas judaicos. A situação deste na Europa e em Israel é acompanhada passo a passo, tendo referências cotidianas nos periódicos.

Vemos que a situação do refúgio está presente no depoimento dos familiares que viveram o refúgio já no contexto europeu anterior e posterior ao pós guerra. Muitos já viviam como refugiados e deslocados dentro da Europa fugidos do antisemitismo como pelo fato de serem partícipes de uma trajetória política de esquerda.

Neste sentido, a ASA, ADAF e o ICIB serviam como espaço de sociabilidade da comunidade judaica progressista. Essa comunidade diferenciava-se do entorno por sua condição judaica, mas, também no próprio interior da comunidade judaica por sua condição de militantes de esquerda. Talvez por essa dupla identidade diferenciadora, seus membros destacam-se também por um grande gregarismo. Nas entrevistas que realizamos pudemos notar que muitos imigrantes judeus, que já eram militantes nos seus países de origem, ao chegar no Brasil eram imediatamente abrigados por membros dessas entidades.

ASA, ADAF e Casa do Povo, muito mais do que clubes sociais eram estruturas de uma rede de solidariedade, que facilitavam o abrigo dos recém chegados, e muitas vezes encaminhavam os mesmos para empregos, sem esquecer a imediata inserção na militância política local.

Para os que aqui já estavam, era importante que os recém chegados pudessem rapidamente se inserir na sociedade brasileira, trabalhando, aprendendo a língua local, militando em sindicatos e partidos, etc... Essa inserção tem objetivos políticos em primeiro lugar, mas resultava também em um diferencial positivo para os membros dessa comunidade. Dispondo do apoio social, cultural, em alguns momentos até financeiro, dos membros residentes da comunidade, os imigrantes alcançaram rapidamente uma ascensão social.

Percebemos não só a preocupação com a inserção destes no país, mas também com a recuperação e com a formação identitária das crianças se fez presente com a iniciativa da associação feminina e posteriormente com a criação da colônia de férias pelas ativistas da Casa do Povo.

A Colônia de Férias KINDERLAND foi proposta pelas senhoras da AFIB, antiga Vita Kempner¹² (luta da vida) - um grupo de mulheres geralmente imigrantes, com uma forte consciência política formada, atingidas pelo fascismo europeu depois da Primeira Guerra Mundial. Este grupo constituía parte da Casa do Povo.

Este grupo se reunia com o objetivo de colaborar com o empreendimento da Cruz Vermelha de socorrer às vítimas da Guerra. Buscando dar continuidade ao trabalho de solidariedade aos órfãos e mutilados do pós-guerra se organizaram em comissões por alguns bairros no Rio, regiões e estados do Brasil mantendo também contato com outros países.

Neste grupo desenvolviam várias atividades culturais como Círculo de Leitura (o Lein Kraizn) encontros nacionais, debates sobre a ordem social vigente e a cultura. Era este grupo de mulheres que participavam das atividades da BIBSA e angariavam contribuições financeiras para o jornal Unzer Stime (Nossa Voz).

Os círculos era organizados por temas políticos, havia um debate ávido sobre o mundo pós guerra inspirados em artigos da imprensa nacional e internacional e da literatura ídich. Entretanto nas épocas de maior perseguição política as leituras passaram para temas “*mais literários*”. Paralelamente as atividades da AFIB

¹²A AFIB teve inicialmente o nome de Vita Kempner, em homenagem a uma judia heróica que lutara na segunda guerra mundial, mas que ao se fixar em Israel solicitou em carta à direção da colônia que seu nome fosse retirado, pois não gostaria de tê-lo associado “*aos ideais socialistas*”. Depois o nome AFIB se modificou para Kinderland.

existia também o “clubinho I Peretz”. Neste, os adolescentes a partir de 13 anos participavam de atividades culturais (teatros, cinemas, palestras) seguidas de amplo debate.

Em 1950, a primeira colônia de férias foi realizada num hotel em Lindóia, da qual participaram 65 crianças. Esta inicialmente visava ser assistencialista com crianças vítimas da guerra, ideal este trazido por Lea Goldenstein quando em contato com o ICUF de Paris. O ideal de educação dado às crianças tinha como modelo a experiência construída em Paris e tinha como acompanhamento psicológico de uma das integrantes do grupo que observava os modelos pedagógicos adotados em outras colônias no Brasil.

Um das concepções mais importantes era de manter os princípios judaicos, ou seja, não obstante as colônias serem mistas (judeus e não judeus) esta tinha que mostrar a criança a consciência do que era ser judeu e de que modo esta identidade outrora tão estigmatizada na guerra, deveria ser motivo de orgulho.

Os estudos e o plano pedagógico da escola eram minuciosamente planejados por Lea Goldenstein que com sua formação de geógrafa mostrava a importância de se conhecer o entorno da escola, do bairro de modo que tanto a construção de um conhecimento pedagógico seria produzido a partir da exploração e do trabalho de campo da criança no ambiente ao seu redor.

A educação tinha tanto uma preocupação de construção de uma consciência política da importância de ser judeu nas pequenas atitudes e disciplina do dia a dia quanto o olhar exploratório voltado para o mundo como parte indissociável deste processo. Seu olhar não era apenas de uma geógrafa, mas da herdeira de Tule Lerner (fugido do pogrom de Odessa na antiga Rússia), um dos pedagogos que trabalhou juntamente com Pejach Tabak na escola Scholem Aleichem na cidade do Rio de Janeiro¹³ Em 1946, Tabak funda o Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação que dá origem, em 1954, a atual Eliezer Steinberg¹⁴.

Podemos considerar que os principais ativistas e seus sucessores viam no colégio Scholem Aleichem um veículo importante de transmissão entre as gerações dos valores imensuráveis da “cultura ídichista”, bem como visavam a “libertação, a conscientização do indivíduo para as causas reais e sociais da injustiça”. Neste sentido, buscavam um caminho paradoxal entre assimilação à sociedade brasileira, sem entretanto “abrir mão” da preservação de uma cultura progressista originária da Europa Oriental.

Temos num depoimento a importância da escola, não somente na construção de uma identidade judaica, mas de uma cultura política:

“É quer dizer (sic) mas tinha uma história anterior né, de militância né?”

- Não acho que foi meio simultânea, porque, quer dizer, na época que eu já tava na casa do povo, já estava no clube I Peretz, já era uma organização de esquerda em São Paulo, e meu pai sempre acabou

¹³ Este foi fundado em 1928 por Eliezer Steinberg. Entre os anos de 1934 a 1951, após a saída de Steinberg, Pejsach Tabak assumiu a direção, realizando um trabalho de estruturação e desenvolvimento do Colégio.

¹⁴ Eliezer Steinberg, Pejsach Tabak, Moisés Genes, Elisa Abramovich, Fanny Abramovich, Sara Cunha Lima, José Sendacz e outros tantos ativistas da ASA e do ICIB foram personagens centrais na continuidade do projeto pedagógico do CSA, respectivamente nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo.

ligado aos judeus de esquerda, acabei ficando sempre por lá, e aí comecei a fazer teatro Bertolt Brecht não sei o que a gente fazia muito, aí já foi pegando pelo pessoal mais velho aí já foi começando a fazer isso, então eu já tinha uma certa, e quando eu fui pra colônia Kinderland então acharam que eu era uma daquelas privilegiadas que podiam ser captadas, cooptadas, foi aí que eu comecei a entrar na juventude, realmente pra já de Kinderland e aí foi feita a minha trajetória, eu casei com um cara de esquerda também, que era também que ele também era assim..”

A escola, o clubinho e o contato com os ideais de esquerda no interior da comunidade judaica mostravam que parte da herança política herdada pelos parentes era rememorada nestes ambientes de sociabilidade e de receptividade aos refugiados:

“-E foi ali na escola que também começou a militância né? De certa forma né?”

- De certa forma foi ali, meio que já participava dos movimentos vamos dizer é que eram até dos movimentos sionistas, que tinha aquela participação que era até da hashomer, que era a participação do Dror que eram organizações, quer dizer que na verdade aliciavam jovens pra levar pra Israel, e aí eu comecei ali e embora tivesse até uma, é eu estava num grupo até de esquerda mas é era um grupo sionista, não era exatamente aquilo que era a minha visão, aí depois que eu entrei participando dos grupos meio juvenis...”

Em 1952, num Congresso Nacional, resolveu-se fundar uma Colônia de Férias com o nome de KINDERLAND. Na segunda colônia, com a compra da própria sede em Sacra Família do Tinguá, o objetivo desta era orientar educacionalmente e socialmente para uma “*coletividade judaico brasileira*”, tendo como principais ativistas: Berta Ferferman, Mania e Ita Akcelrad, Doba Zonneschain, Chaïke Lusting, Zilda Zilberstein, Jenta e Lea Lerner e Léa Scheinvar.

A Colônia sempre foi composta de coordenadores, monitores e colonistas que na tentativa de preparar melhor a equipe de monitores organizaram um curso de formação, procurando transmitir conhecimentos sobre a criança, as atividades que seriam desenvolvidas e o espírito de coletividade, isto é, formar uma idéia de grupo, de convivência grupal como um shtetl (aldeia).

OTEMPOE LUGARDO REFÚGIO

Num primeiro momento a memória parece ser um fenômeno individual. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, sublinhou que a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

A colônia de férias Kinderland existe até os dias de hoje. Sua função e seu papel mudaram ao longo das transformações históricas e políticas que afetaram o mundo e a comunidade judaica. Mas sua importância como lugar de memória é incontestável.

Conforme Pollack(1989 e 1992), a memória e todos os elementos que a acionam, são pontos fundamentais na construção da identidade. Segundo o autor, a memória é seletiva, ou seja, seleciona os momentos que pretende lembrar. Isto explica porque a memória não se detém a um tempo cronológico e por consequência disso pode “distorcer”, ou melhor enriquecer a cronologia oficial, relendo a mesma sob novas apropriações de sentido.

A memória pode ser vista também como paradoxal, pois ao mesmo tempo em que ela pode revelar ela também pode silenciar os fatos. A memória pode ser consciente ou inconsciente e de ambas as formas ela pode falsear alguma situação: *“Imersa no presente e preocupada com o futuro, quando suscitada a memória é sempre seletiva. Provocada revela, mas também silencia...”* Ao mesmo que a colônia se revela como lugar de refúgio esta lembra uma história que ganha literalmente um lugar de identidade judaica ao se dimensionado como um stehl, uma comunidade imaginada da europa oriental revivida no Brasil.

A memória sendo coletiva tem como objetivo reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais de um grupo. Neste sentido, *temos os acontecimentos vividos e aqueles “acontecimentos vividos pelo grupo à qual a pessoa sente-se pertencer. Acontecimentos que a pessoa nem sempre participou...”*. Memória quase herdada, devido identificação com determinado passado....” devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo sendo quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Neste sentido, o papel da Kinderland, bem como das escolas judaicas e do clubinho I Peretz, se trata da construção de um lugar e tempo de refúgio para a identidade judaica destes militantes políticos. Um lugar/tempo de formação de identidade, de reconstrução de uma autoestima abalada pelas guerras, pelo antisemitismo, pelas perseguições à militância política na Europa e também nas ditaduras na América Latina.

Pollack (op.cit) nos lembra que além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Neste sentido, a Kinderland é um lugar/tempo muito especial: da infância. Não uma infância comum, mas marcada por uma cultura política. Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído.

O sentido de construção significa que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Lembrar de datas como o levante de gueto, a segunda guerra mundial, os nascimentos e mortes dos escritores da língua idische e demais fatos se mesclam ao modo como a política

vivida no cotidiano da história familiar vai se juntar aos fatos políticos da vida nacional e dar elementos para um modo de ser judeu no Brasil.

Um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.

A exemplo, no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos e/ou lugares temos algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças.

O autor também nos mostra que a construção da memória é uma construção de identidades e de conflitos. A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. No caso da comunidade judaica, temos a expressão da sua diferenciação interna a partir da reconstituição da memória de seus ativistas políticos e de que modo esta cria diferenças étnicas que irão se refletir em distintas expressões linguísticas (idiche e hebraico) instituições, escolas, clubes e inserções no campo político e social nacional.

Lembrando Le Goff, a historiografia conceitua a história como forma científica da memória coletiva. Os documentos estudados pelo historiador, de certa forma perpetuam o passado, transformando então esses documentos em verdadeiros monumentos. Esses monumentos por sua vez acabam tomando-se herança perpétua à memória coletiva. Neste sentido, a própria historiografia contribui na transformação dos fatos históricos em fatos sociais, isto é atribuindo um sentido para além do próprio tempo, sendo revivido com novas atribuições de sentido pelos atores sociais.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Rubim S.L et alli. PCB 80 anos de luta. Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis, 2002.

ALMEIDA, Francisco Inácio de (organização). O ultimo secretário_ a luta de Salomão Malina. Fundação Astrojildo Pereira, FAP, 2002.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras In O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro, Contracapa editora, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida In Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

- CARONE, Edgar. O PCB. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo, Difel, 1982. 3 vol.
- CHILCOTE, R. O partido comunista brasileiro. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- CLEMESHA, Arlene. Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil. São Paulo, Boitempo editorial, 1998.
- CYTRYNOWICZ, Mônica. A Congregação Israelita dos Pequenos: história do Lar das Crianças da Musatti e Cytrynowicz, Congregação Israelita Paulista. São Paulo, Narrativa Um. 2003
- CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de História, v. 22, n. 44, p. 393-423. 2002
- CYTRYNOWICZ, Roney. Unibes 85 anos: uma história do trabalho social da comunidade judaica em São Paulo. São Paulo, Narrativa Um. 2000
- FINZI, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In HOBSBAWM, Eric. (org.) História do Marxismo. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- HAMADANI, K Kolber, Gisele; PERELMUTTER, Daisy; SCHUBSKY, Cássio e STAROBINAS, LÍlian. Scholem Aleichem: uma vanguarda pedagógica. In Revista 18. São Paulo, 2006.
- GLAZER, Nathan e MOYNIHAN, Daniel P. Ethnicity Theory and Experience. Harvard University Press, Cambridge Massachussetts, and London England, 1975
- GUINSBURG, Jacob. Aventuras de uma língua errante. SP: Ed. Perspectiva, 1996.
- JENKINS, Richard. Rethinking Ethnicity. Arguments and explorations. Londres: Sage Publications, 1997.
- OKAMURA, Jonathan. Situational ethnicity. Ethnic and Racial Studies. Londres: v. 4, n. 4, out. 1981.
- KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais In Revista Universum. Universidade de Talca, 2000. n. 15.
- KUPERMANN, Ester. ASA - Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca In Revista Espaço Acadêmico, número 28, setembro de 2003.
- LE GOFF, Jacques "História e Memória" Campinas, 2003.
- LÖWY, Michael. Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa Central. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. Camaradas e companheiros: memória e história do PCB. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PERREIRA, Astrojildo. Construindo o PCB (1922 / 1924). Org. e introd. Michel Zaidan. São Paulo, Ciências Humanas, 1980.
- POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social In Estudos históricos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol.5, n.10, 1992, p.200-215.

POLLACK, Michael. Memória, silêncio e esquecimento In Estudos históricos. Rio de janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol.2, n.3,1989, p.3-15.

SCHORSKE, Carl E. Viena fin de siècle. Política e cultura. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

SENDACZ, José. Um homem do mundo. São Paulo; Ed do Autor, 2005.

MALINA, SALOMÃO. Entrevista concedida a Juca Kfourí na Rede TV no dia 31 de maio de 2002.